

SÍNDROME DE BURNOUT: O STRESS LABORAL E A EQUIPE DE ENFERMAGEM PRESTADORA DE ASSISTÊNCIA AO PACIENTE ONCOLÓGICO.

Jeanne Souza Silva*

RESUMO

Assim como em qualquer profissão, as equipes de saúde de instituições hospitalares se encontram em risco de desenvolver tensão relacionada ao trabalho, principalmente a equipe de enfermagem, que é composta por profissionais que prestam assistência direta e integral aos pacientes. Toda esta tensão pode levar estes profissionais a desenvolver um stress laboral conhecido como Síndrome de Burnout. Realizou-se um estudo do tipo bibliográfico sobre o stress laboral e a equipe de enfermagem prestadora de assistência ao paciente oncológico. A pesquisa objetiva estabelecer a existência ou não da possibilidade dos profissionais de enfermagem prestadores de assistência a pacientes oncológicos adquirirem este stress laboral, bem como, identificar possíveis fatores que possam desencadear a patologia nestes profissionais e discutir a interfêcia destes fatores na atividade profissional destes. Foi realizada uma busca nas bases de dados da internet, periódicos e artigos científicos e incluídos os materiais que tratavam da temática e foram produzidos de 2000 a 2010. Conclui-se que os profissionais de enfermagem, inclusive os que prestam assistência a pacientes oncológicos são alvos potenciais para o desenvolvimento da síndrome de burnout, e que os fatores relacionados ao trabalho influenciam tanto no surgimento como no agravamento da patologia laboral. É necessária a construção de mais produções científicas referente à temática, principalmente sobre a prevenção e terapêutica utilizada nestas situações.

Palavras-chaves: Burnout. Stress. Enfermagem. Oncologia

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o trabalho, em nossa sociedade, é uma das fontes de satisfação de diversas necessidades humanas, como auto realização, manutenção de relações interpessoais e sobrevivência. (HANZELMAMM; PASSOS, 2010) Por outro lado, o desgaste a que as pessoas são submetidas, nos ambientes e nas relações laborais, é um dos fatores na determinação das doenças dos mais significativos. (RITTER; STUMM; KIRCHER, 2009).

Nos últimos anos, tanto aqui no Brasil como nos outros países, várias pesquisas buscam avaliar a prevalência dos problemas e desajustes profissionais, devido aos níveis alarmantes de incapacidade temporária, absenteísmo, aposentadorias precoces e riscos à saúde associados à atividade profissional. (FOGAÇA et al, 2000).

Todo esse estresse tem levado os profissionais de diversas áreas a desenvolver a Síndrome de Burnout, que se trata de um transtorno adaptativo crônico associado às demandas e exigências laborais, cujo desenvolvimento é insidioso e frequentemente não reconhecido pelo indivíduo, com sintomatologia múltipla, predominando o cansaço emocional (MOREIRA et al, 2009).

Assim como em qualquer profissão, as equipes de saúde de instituições hospitalares também se encontram em risco de desenvolver tensão relacionada ao trabalho, principalmente a equipe de enfermagem, que é composta por profissionais que prestam assistência direta e integral aos pacientes. Esta tensão quando não identificada e trabalhada de maneira adequada, tende a fazê-los entrar em colapso.

Devido a isso é de grande relevância investir em pesquisas que tragam um maior conhecimento a cerca do assunto e difundir os resultados para o público de interesse, para que eles possam ter capacidade de identificar as etapas que

antecedem a Síndrome de Burnout, a fim de iniciar uma terapêutica profilática precoce e, portanto mais eficaz.

O presente estudo tem como pergunta de investigação: Existe a possibilidade da equipe de enfermagem que presta assistência a pacientes oncológicos serem acometidos pela Síndrome de Burnout? Tendo como objetivo geral estabelecer a existência ou não da possibilidade dos profissionais de enfermagem prestadores de assistência a pacientes oncológicos adquirirem este estresse laboral e objetivos específicos identificar possíveis fatores que possam desencadear a patologia nestes profissionais e discutir a interferência destes fatores na atividade profissional destes.

É uma pesquisa do tipo bibliográfica, baseada na revisão de literatura. Onde foi realizada busca no banco de dados do Bireme (SciELO, Lilacs, Medline) entre Maio e Outubro de 2011 e coletados os artigos científicos nas línguas portuguesa e espanhola, entre os anos de 2000 a 2010. Sendo incluídos todos os artigos que traziam referência a Síndrome de Burnout em profissionais da área de saúde, sendo, portanto excluídos aqueles que não estavam condizentes com a temática. Tendo como palavras chaves: Burnout. Stress. Enfermagem. Oncologia.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A RELAÇÃO STRESS-TRABALHO E O SOFRIMENTO HUMANO.

Para Ritter; Stumm; Kircher (2009) O mundo do trabalho está cada vez mais complexo e, neste contexto, manter o bem-estar físico, psicológico e social está se tornando uma tarefa difícil, ciente de que a luta para ganhar a vida, nem sempre é fácil. Já PASCHOALINI (2008) trás que o trabalho, em nossa sociedade, é uma das fontes de satisfação de diversas necessidades humanas, como auto realização, manutenção de relações interpessoais e sobrevivência. Entretanto, por outro lado, também pode ser fonte de adoecimento quando contém fatores de risco para a saúde e o trabalhador não dispõe de instrumental suficiente para se proteger destes riscos.

No documento da Comissão das Comunidades Europeias, as "[...] enfermidades consideradas emergentes, como o stress, a depressão ou a ansiedade, assim como a violência no trabalho, o assédio e a intimidação, são responsáveis por 18% dos problemas de saúde associados ao trabalho, uma quarta parte dos quais implica em duas semanas ou mais de ausência laboral". (HANZELMANN; PASSOS, 2010)

Mesmo sem ter os dados estatísticos, existem razões para acreditar que a incidência no Brasil não deve se distanciar muito dos dados levantados em outros países, tendo em vista que o quadro se repete: aumento do setor de serviços na economia, crescente aumento da instabilidade social e econômica, desemprego crescente, mudanças nos hábitos e estilos de vida. (MUROFUSE; ABRANCHES; NAPOLEÃO, 2005).

Não somente no Brasil, como em outros países, nos últimos anos a relação stress ocupacional e saúde mental dos trabalhadores tem sido alvo de preocupação, por causa dos níveis alarmantes de incapacidade temporária, absenteísmo, aposentadorias precoces e riscos associados à atividade profissional (FOGAÇA et al, 2008)

Murofuse; Abranches; Napoleão (2005) defende que para alcançar o equilíbrio entre saúde e bem-estar, o ser humano utiliza recursos protetores e o uso constante de formas de defesas indesejáveis e a persistência do desequilíbrio saúde bem-estar resultam em distúrbios psicossociais.

Uma das consequências geradas ao aparelho psíquico dos trabalhadores resulta na síndrome de burnout que corresponde à resposta emocional às situações de estresse crônico em razão de relações intensas – de trabalho – com outras pessoas, ou de profissionais que apresentem grandes expectativas com relação a seu desenvolvimento profissional e dedicação à profissão e não alcançam o retorno esperado (JODAS; HADDAD, 2009).

De acordo com o que Jodas; Haddad trás, Neves et al (2010) considera que estes profissionais, inseridos no contexto do trabalho, muitas vezes atuam em favor da otimização do bem-estar de seus clientes, negligenciando o cuidado em direção ao seu próprio estado de saúde, o que propicia o surgimento do desgaste laboral que futuramente pode culminar na síndrome propriamente dita.

2.2. A SINDROME DE BURNOUT E OS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM.

O termo Burnout foi utilizado pela primeira vez em 1974, mencionado pelo psicólogo Herbert J. Freudenberger, que descreveu em um artigo a observação feita em jovens trabalhadores de uma clínica de dependentes de substâncias químicas na cidade de Nova York, Estados Unidos, onde estes trabalhadores relataram que já não conseguiam ver os pacientes como pessoas que necessitavam de ajuda.(MOREIRA et al, 2009).Esses profissionais relataram que, devido à exaustão, muitas vezes desejavam nem acordar para não ter que ir para o trabalho, e que pela impossibilidade de alcançar os seus objetivos, sentiam-se incapazes e derrotados.(MUROFUSE; ABRANCHES; NAPOLEÃO, 2005).

Em 1976, a psicóloga Christina Maslach, ao estudar as reações emocionais de profissionais de ajuda, usou o termo para narrar, o que advogados californianos descreviam sobre seus companheiros que perdiam gradualmente o interesse e a responsabilidade profissional. Trazendo para a área de saúde, a síndrome de queimar-se pelo trabalho ou Burnout é uma resposta ao stress laboral crônico, muito frequente nestes profissionais e uma das principais patologias de origem psicossocial, pois ocasiona uma importante taxa de absenteísmo e de abandono da profissão. De acordo com o Ministério da Previdência Social, em 2007 foram afastados do trabalho 4,2 milhões de indivíduos, sendo que em 3.852 foram diagnosticados síndrome de burnout. (JODAS; HADDAD, 2009; FRANCO et al , 2011).

Vários autores expuseram suas teorias e definições sobre o burnout. A proposta de Maslach foi a de maior impacto e aceitação acadêmica, definindo-a como uma síndrome de cansaço emocional, despersonalização e baixa realização pessoal, que pode ocorrer entre indivíduos cujo trabalho requer contato com pessoas, principalmente quando essa atividade é considerada de ajuda (médicos, enfermeiros, professores)(MOREIRA et al, 2009)

O alvo preferencial do burnout tende a ser os trabalhadores motivados, que se entregam totalmente ao trabalho como reação ao estresse laboral e acabam por entrar em colapso. Eles investem muito mais energia do que recebem em termos de reconhecimento e resultados. São submetidos a plantões que, especialmente os noturnos, alteram seus biorritmos de sono, alimentação e atividades sociais. Além disso, ainda se dedicam a mais

de um emprego, visto que os salários são baixos no setor e o ritmo de trabalho não os deixa impunes. (RITTER; STUMM; KIRCHER, 2009).

Diversos autores alertam para a expansão do burnout sinalizam que esse fenômeno, ao se nutrir de mudanças negativas no mundo do trabalho, está se alastrando de maneira preocupante. Portanto, Burnout refere-se a uma síndrome na qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho e faz com que as coisas já não tenham mais importância, qualquer esforço lhe parece ser inútil. Trata-se de um conceito multidimensional que envolve **três componentes**, que podem aparecer associados, mas que são independentes: **a) exaustão emocional; b) despersonalização e c) falta de envolvimento no trabalho**. Cada uma dessas fontes de desajuste manifesta-se mediante características que podem tornar ameaçante o ambiente ocupacional do trabalhador, especialmente quando permanecem durante muito tempo. (TAMAYO, 2009; MUROFUSE; ABRANCHES; NAPOLEÃO, 2005).

Um estudo realizado por Tamayo (2005) buscou investigar a relação entre o Burnout e as fontes organizacionais de desajuste indivíduo-trabalho em uma amostra de 190 profissionais de enfermagem em um hospital público do Distrito federal. Os profissionais relataram a sua percepção sobre o nível de Burnout em relação aos fatores (exaustão emocional, desumanização e decepção) e se agruparam em níveis onde foram obtidos os seguintes resultados: 12,6% (24 profissionais) localizaram-se no nível baixo, 8,4% (16 profissionais) situaram-se no nível médio e 17,4% agruparam-se no nível alto.

Na pesquisa realizada por Moreira et al (2009) com 151 trabalhadores em um hospital em Santa Catarina ficou evidenciado que no que diz respeito as dimensões isoladas, os trabalhadores indicaram níveis baixos e médios para burnout. Apesar disso, a prevalência da síndrome encontrada entre os trabalhadores pesquisados foi relativamente alta. 35,7% apresentou pelo menos uma dimensão (cansaço emocional, despersonalização e realização profissional) em nível crítico.

Jodas; Haddad constatou em uma pesquisa realizada com 67 trabalhadores de enfermagem atuantes no Pronto Socorro do Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná que 21,3% dos profissionais apresentaram alta classificação para exaustão emocional, 32,8% alta classificação para despersonalização e 26,2%

apresentou baixa classificação para realização profissional, características estas que estabelecem diagnóstico para manifestação de burnout.

O estudo de stress entre enfermeiros teve início por volta dos anos sessenta, quando na realidade estrangeira surgiu a preocupação com o profissional irritado, desapontado e culpado por não conseguir lidar com esses sentimentos. Observa-se que houve um predomínio de trabalhos realizados primordialmente com enfermeiros que atuavam em unidades de terapia intensiva, pois coincidiu com o início da conquista de novos espaços e novas tecnologias por esses profissionais. Outros trabalhos de comparação entre unidades foram realizados e uma tentativa de delinear um modelo de repercussão de stress na atuação do enfermeiro. (BIANCHI, 2000).

Na atualidade, discute-se por que é relevante estudar a Síndrome de Burnout. O fato é que os indivíduos de profissões de ajuda são especialmente suscetíveis a altas taxas desta patologia, por isso as organizações estão cada vez mais preocupadas com a qualidade de vida, o bem-estar e a saúde física e mental de seus colaboradores. (FRANCO et al, 2011).

Segundo a Health Education Authority, a enfermagem é classificada como a quarta profissão mais estressante no setor público. A deterioração na qualidade de serviços de instituições de saúde e os altos índices de absenteísmo dos profissionais dessa área são algumas das consequências desse quadro, todas fortemente relacionadas com a alta taxa de incidência que caracteriza a síndrome. (MOREIRA et al, 2009)

O trabalhador de enfermagem, neste contexto, é visto como o profissional que está mais tempo em contato com o paciente, 24 horas diárias, e executam continuamente as ações de saúde com este público, o que expõe este trabalhador, em maiores proporções, a estes riscos, visíveis ou não. Outras variáveis podem maximizar essa tensão. (HANZELMANN; PASSOS, 2010)

Há investigações que afirmam que a enfermagem oncológica é uma das atividades caracterizadas como das mais estressantes, embora haja divergências. O fato é que lidar com pacientes com câncer e com a terminalidade é descrito como de grande exigência emocional para o profissional de enfermagem, uma vez que a morte é tomada como uma falha em prestar eficientes e eficazes cuidados. (FARIA; MAIA, 2007).

Alguns autores vêm alertando sobre a falta de profissionais qualificados em oncologia. A enfermeira americana interroga: *"Onde estão as enfermeiras*

oncológicas?", denunciando uma escassez nunca vista antes em habilidades necessárias para cuidar em oncologia. (POPIM; BOEMER 2005).

2.3 FATORES DE RISCO PARA DESENVOLVIMENTO DA SINDROME DE BURNOUT E SUAS IMPLICAÇÕES.

O estresse está presente em toda e qualquer situação e atividade desenvolvida pelo ser humano, afetando tanto a vida pessoal quanto o desempenho profissional do indivíduo. A atividade laboral hospitalar é caracterizada por excessiva carga de trabalho, contato com situações limite, alto nível de tensão e de riscos para si e para outros. Inclui problemas de relacionamento interpessoal entre indivíduos que prestam assistência direta aos pacientes e preocupações com demandas institucionais. (HANZELMANN; PASSOS, 2010; PASCHOALINE et al, 2008).

Para Hanzelmann; Passos (2010) o trabalhador de enfermagem, é visto como o profissional que está mais tempo em contato com o paciente, 24 horas diárias, e executa continuamente as ações de saúde com este público, o que acaba expondo este trabalhador a riscos. Entretanto, a forma como esse indivíduo reage, determinará o nível de estresse ao qual se está sendo submetido e que mudanças serão proporcionadas por este.

Os mesmos autores citados acima defendem que esse contato constante com pessoas fisicamente doentes ou lesadas, adoecidas gravemente, com frequência, impõe um fluxo contínuo de atividades que envolvem a execução de tarefas agradáveis ou não, repulsivas e aterrorizadas. Estas atividades que fazem parte do cotidiano da enfermagem, quando não bem adequadas e ajustadas, podem influenciar diretamente na saúde física e mental deste indivíduo e interferir negativamente na atividade laboral desenvolvida, causando diminuição da produtividade, desgastes físicos e mentais, absenteísmo, sentimento de incapacidade e insatisfação.

Uma pesquisa realizada por Ritter; Stumm; Rircher, (2009) com 41 profissionais da equipe de enfermagem em uma unidade de emergência de um hospital geral no Rio Grande do Sul, onde foi analisado o tempo de atuação dos profissionais, 34,2% atuam em média há 3,5 anos na profissão, 44,7% há 3,5 anos no referido hospital e 55,3% trabalham, em média, 3,5 anos na Unidade de Emergência, ficou destacado que a Síndrome de Burnout pode surgir como conseqüência de um desgaste crônico

pelo tempo de atuação e, também, devido à inexperiência do indivíduo no desempenho das suas atividades. Quanto maior o tempo de serviço em uma determinada área, maior o nível de stress, existindo, portanto, uma correlação significativamente elevada entre estresse e tempo de atuação na área.

Ainda na mesma pesquisa 44,8% dos profissionais referem sentir estar trabalhando demais, além dos seus limites. Este estudo está de acordo com o de Faria; Maia (2007), que destaca que quanto mais pacientes o profissional atender ao dia, maior será chance de desenvolver o stress. Assim, grande número de pacientes atendidos ao dia e trabalhar em outra instituição seriam fatores de risco para esses profissionais que lidam com tal demanda.

Para Tamayo (2009) As fontes de desajuste manifesta-se mediante características que podem tornar ameaçante o ambiente ocupacional do trabalhador, especialmente quando permanecem durante muito tempo. Por exemplo, na enfermagem, algumas dessas características são: o número reduzido de profissionais que trabalham no atendimento em saúde; as dificuldades em delimitar os diferentes papéis entre enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem; os conflitos interpessoais no trabalho; a falta de reconhecimento e valorização da profissão; o excesso de trabalho; o achatamento dos salários; a necessidade de vários vínculos empregatícios, que pode resultar em uma carga mensal extremamente longa e desgastante.

Paschoaline et al (2008) em uma pesquisa realizada com 66 profissionais de uma instituição filantrópica em São Paulo, chegou a conclusão que a maioria dos profissionais consideram sua profissão estressante e seus efeitos foram mais referidos durante o exercício profissional, contudo houve exceções, corroborando estudos que afirmam que a resposta ao estresse é um processo individual e que para algumas pessoas a percepção de tensão é maior. A sobrecarga laboral por dupla jornada foi vista em apenas um terço dos entrevistados.

Os estudos realizados por Paschoaline et al (2008) e Hanzelmann; Passos (2010), estão em concordância no que se refere a insatisfação dos profissionais em relação as pressões dos seus supervisores. Em ambos os estudos os profissionais revelam que as relações hierárquicas e interpessoais são conflituosas, que não se sentem reconhecidos e que não há reforço da sua identidade profissional. Tudo isto acaba favorecendo o surgimento do stress nestes trabalhadores.

Em estudo, realizado por Bianchi (2000) com 116 enfermeiros de duas unidades hospitalares de São Paulo, onde o objetivo foi comparar se havia diferença entre o nível de stress entre os enfermeiros das unidades abertas e fechadas quanto ao relacionamento com outra unidade e supervisores, atividades relacionadas ao funcionamento adequado da unidade, atividades relacionadas à administração de pessoal, assistência ao paciente e condições de trabalho. Contrariando o que todos pensam, ficou provado no presente estudo, que os profissionais das unidades abertas apresentaram maior índice de stress do que os das unidades fechadas.

Dentre as características que podem levar o profissional a sofrer desajustes laborais estão: os tratamentos longos e desconfortáveis dispensados aos pacientes, a falta de preparo para enfrentar demandas emocionais dos pacientes e suas famílias; o confronto diário com a dor, o sofrimento e a morte dos pacientes e a falta de suporte social no trabalho. Em decorrência dessas características, a enfermagem é considerada uma categoria ocupacional especialmente vulnerável ao burnout. (TAMAYO, 2009)

No hospital encontramos um grande número de pacientes, entre eles crianças e adolescentes, com prognóstico grave e doença em fase avançada, sendo a problemática da morte uma constante. Assim, os profissionais de saúde precisam estar preparados para receber e cuidar dessas crianças, adolescentes e suas famílias, necessitando compreender as reações e comportamentos que eles apresentam diante da morte para assisti-los em suas necessidades durante o processo de terminalidade. (COSTA; LIMA, 2005).

Os autores citados acima realizaram um estudo com 26 profissionais de uma clínica pediátrica, onde estes tinham vivenciado o processo de morte e morrer da criança e/ou adolescente. Ficou evidenciado para a grande maioria dos profissionais que acompanhar o processo de morte e morrer das crianças/adolescentes provocou sentimentos negativos como: frustração, desapontamento, derrota, tristeza, pesar, cobrança quanto aos cuidados prestados, pena e dó.

Em concordância com o que foi constatado pelo estudo de Costa; Lima (2005), Faria; Maia (2007) concluiu em sua pesquisa que a criança foi a fase do desenvolvimento com que os profissionais analisados mais sentiam dificuldades ao lidar quando se trata de terminalidade e câncer. Em geral, a justificativa descrita pelos profissionais para essa escolha se direcionou no sentido de afirmar que lidar com a criança que se encontra em estágio terminal é mais difícil, pois ela ainda não viveu o suficiente, tendo toda a vida pela frente.

Popim; Boemer (2005) após estudo com 15 enfermeiros do Centro de Tratamento e pesquisa da Fundação Antônio prudente, mas conhecido como Hospital do Câncer de São Paulo, identificaram que as emoções presentes nos enfermeiros que trabalham com pacientes oncológicos, revelam que nesse cotidiano há fatores gratificantes como ver o paciente recuperar-se, ter contato com ele, ajudá-lo a conhecer a doença e orientá-lo. Entretanto, os fatores difíceis como conviver com o sofrimento do doente, suas inúmeras internações, a impotência diante da doença, a revolta pela sua morte, a falta de conhecimento e sobrecarga de trabalho de profissionais qualificado, fazem com que o cuidado de enfermagem em oncologia se torne desgastante.

O estudo de Faria; Maia(2007), com 50 profissionais da equipe de enfermagem que trabalham em um hospital de referência de atendimento ao paciente com câncer no Rio Grande do Norte, destacou a morte como fato indispensável à discussão que permeia a prática desses profissionais. Isso foi constatado quando 65% dos profissionais pesquisados afirmaram se sentir diferente ao atender um paciente considerado em situação de terminalidade, afirmando ainda o advento de sentimentos como sofrimento e tristeza, angústia, impotência, medo, apreensão e preocupação.

A morte implica na ruptura do vínculo gerado, revelando ser um processo doloroso para o profissional. Esse desgaste, gerado pela morte e agravado do estado de saúde do paciente, é reconhecido por enfermeiros oncológicos e não oncológicos. (POPIM; BOEMER, 2005).

3 CONCLUSÃO

A relação stress-trabalho vem ganhando destaque entre os pesquisadores que se dedicam a saúde do trabalhador, e devido a isso muitos estudos tem sido realizado ao longo dos últimos anos, na tentativa de se conhecer mais sobre a interação desta relação.

Diante da revisão bibliográfica realizada no presente estudo, concluiu-se que Embora a profissão de enfermagem seja gratificante, é comum, principalmente para os profissionais que prestam assistência direta a pacientes graves, o risco de desenvolver stress e tensão relacionados ao trabalho, e conseqüentemente, a síndrome de burnout.

Diversos são os fatores que tornam ameaçantes o ambiente ocupacional do trabalhador, como: o número reduzido de profissionais que trabalham no atendimento em saúde; os conflitos interpessoais no trabalho; a falta de reconhecimento e valorização da profissão; lidar com pacientes graves e a morte; o excesso de trabalho; o achatamento dos salários; a necessidade de vários vínculos empregatícios, entre outros. As referências estudadas concordam que estes fatores quando não bem adequados e ajustados, podem influenciar diretamente na saúde física e mental deste indivíduo e interferir negativamente na atividade laboral.

Portanto, verificou-se que os profissionais de enfermagem, principalmente a equipe de enfermagem oncológica, pela especificidade do seu trabalho, têm riscos de desenvolver a síndrome de burnout.

É necessário que sejam realizadas mais pesquisas no sentido de ampliar o conhecimento acerca desta patologia, e incentivar as instituições a desenvolver medidas preventivas e modelos de intervenção, propiciando uma melhor qualidade de vida aos profissionais vulneráveis.

SYNDROME OF BURNOUT: STRESS WORK AND NURSING TEAM OF SERVICE PROVIDER CANCER PATIENTS.

ABSTRACT

As with any profession, the health teams in hospitals are at risk of developing stress related to work, especially the nursing staff, which is comprised of professionals who provide direct care to patients and complete. All this tension can lead these professionals to develop a work stress known as burnout syndrome. We conducted a study of bibliographical work on stress and nursing staff providing care to cancer patients. The research aims to establish whether or not the possibility of nursing care providers oncology patients acquire this stress at work, and to identify possible factors that may trigger the disease in these professionals and discuss the INTERFERENCE of these factors in their professional activity. We performed a search in the databases of the Internet, journals and scientific articles and included materials that dealt with this matter and were produced from 2000 to 2010. It is concluded that the nursing profession, including providing assistance to cancer patients are potential targets for the development of burnout, and job-related factors influence both the onset and worsening of the condition of work. It requires the construction of scientific productions on the theme, especially on the prevention and therapy used in these situations.

Keywords: Burnout. Stress. Nursing. Oncology.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, E.R.F. Enfermeiro hospitalar e o Stress. **REVISTA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA USP**. v.34, n.04. São Paulo, Dezembro, 2000.

COSTA, J.C; LIMA, R.A.G. Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/ adolescente no processo de morte e morrer. **REVISTA LATINO AMERICANA DE ENFERMAGEM**. v. 13, n.02, Ribeirão Preto, Mar/Abril, 2005.

FARIA, D.A.P; MAIA, E.M.C. Ansiedades e sentimentos de profissionais da enfermagem nas situações de terminalidade em oncologia. **REVISTA LATINO AMERICANA DE ENFERMAGEM**. v.15, n.06. Ribeirão Preto, Nov/Dez, 2007.

FOGAÇA, M.C; et al. Fatores que tornam estressante o trabalho de médicos e enfermeiros em uma terapia intensiva pediátrica e neonatal: estudo de revisão bibliográfica. **REVISTA BRASILEIRA DE TERAPIA INTENSIVA**. v.20, n.3. São Paulo, Jul/Set, 2008.

FRANCO, G.P; et al. Burnout em residentes de enfermagem. **REVISTA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA USP**. v.45, n.01. São Paulo, Março, 2011.

HANZELMANN, R.S; PASSOS, J.P. Imagens e representações da enfermagem a cerca do stress e sua influência na atividade laboral. **REVISTA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA USP**.v.44, n.3. São Paulo, Setembro, 2010.

JODAS, D.A; HADDAD, M.C.L. Síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem de um pronto socorro de um hospital universitário. **ACTA PAULISTA DE ENFERMAGEM**. v.22, n.02. São Paulo, 2009.

MOREIRA, D.S; et al. Prevalência da Síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem de um hospital de grande porte da Região Sul do Brasil. **CADERNO DE SAÚDE PÚBLICA**. v. 25, n.7. Rio de Janeiro, Julho, 2009.

MUROFUSE, N.T; ABRANCHES, S.S; NAPOLEÃO, A.A. Reflexões sobre o estresse e o burnout e a relação com a enfermagem. **REVISTA LATINO AMERICANA DE ENFERMAGEM**. v.13, n.2. Ribeirão Preto, Mar/Abril, 2005.

NEVES, M.J.A.O; et al. Influência do trabalho noturno na qualidade de vida do enfermeiro. **REVISTA DE ENFERMAGEM DA UFRJ**. v.18, n.01, p.42-47. Rio de Janeiro, Jan/Mar, 2010.

PACHOALINI, B; et al. Efeitos cognitivos e emocionais do estresse ocupacional em profissionais de enfermagem. **ACTA PAULISTA DE ENFERMAGEM**. v.21, n.03. São Paulo, 2008.

POPIM, R.C; BOEMER, M.R. Cuidar em oncologia na perspectiva de Alfred Schutz. **REVISTA LATINO AMERICANA DE ENFERMAGEM**. v.13, n.05. Ribeirão Preto. Set/Out, 2005.

RITTER, R.S; STUMM, E.M.F; KIRCHER, R.M. Análise de Burnout em profissionais de uma unidade de emergência de um hospital geral. **REVISTA ELETRÔNICA DE ENFERMAGEM**. v. 11, n.2. p.236-48. 2009. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v.11/n2/v11n2a02.htm>.

TAMAYO, M.R. Burnout: implicações das fontes organizacionais de desajuste individuo-trabalho em profissionais de enfermagem. **PSICOLOGIA: REFLEXÃO E CRÍTICA**. v.22, n.03. p.474-82. Porto Alegre, 2008.

